

A TUNÍSIA E O EGÍPTO EM EBULIÇÃO

por Mário Soares

A Revolução do Jasmim, inesperada, como todos os grandes acontecimentos, produziu um efeito dominó, quase simultâneo, no Magreb e para lá dele, no Médio Oriente, no Egipto e no Iémen, por enquanto, com consequências, a meu ver, extremamente positivas.

Para já, está a abalar o universo muçulmano em favor da democracia e, por isso, deve ser seguida, com a maior atenção, nomeadamente no Mundo Mediterrânico, a que Portugal pertence, e obviamente nos Estados Unidos, em virtude dos compromissos que os ligam ao norte de África e ao Médio Oriente.

Não se pode, no entanto, confundir a Tunísia com o Egipto, dada a importância geoestratégica deste país chave do Médio Oriente e as ligações que sempre manteve, com a Turquia e com o Ocidente, não obstante serem ambos países maioritariamente islâmicos.

Note-se, desde logo, que no caso da Tunísia não se trata da agudização de um conflito, por via do extremismo religioso islâmico. A Al-Qaeda não teve nada a ver, pelo menos por enquanto, com o que se tem vindo a passar na Tunísia. Foi uma revolta imprevista e espontânea, que se manifestou nas ruas das grandes cidades, contra um ditador corrupto, de longa duração, organizada por jovens, dos dois sexos, cultivados, com telemóveis e bem informados, pela Internet, que se encontram desesperados, sem perspectivas de trabalho nem horizontes de futuro, que contaminaram as populações e depois os próprios corpos de polícia. Obrigando à fuga do ditador Ben Ali, da sua Mulher, odiada, da sua Família, altamente corrupta, bem como à queda do regime.

O caso do Egipto, é muito diferente e mais complexo, embora, no primeiro momento, tivesse sido influenciado pelo que se passou na Tunísia. Mas decorridas as primeiras manifestações, a Polícia desapareceu estranhamente - o que é suspeito - e tornaram-se bem mais violentas. As Forças Armadas (poderosíssimas) intervieram contra os manifestantes, provocaram alguns mortos, estão dispostas a substituir o Governo, mas procuram salvar o velho ditador - Hosni Mubarak, que conheço bem - e, provavelmente, o seu presumido sucessor, filho de Mubarak. Embora as Forças Armadas tenham prometido não disparar contra o Povo, a verdade é que os mortos se elevam já a mais de uma centena. Nas ruas a população pede, corajosamente, o fim de Mubarak, cujo poder vacila...

O grande diplomata egípcio, Mohamed el Baradei, com enorme prestígio interno e internacional, baseado em Viena, onde foi director da Organização Internacional da Energia Atómica, regressou subitamente ao Cairo, apareceu na praça Tahrir e falou à multidão em cólera, dizendo: "não podemos retroceder, Mubarak tem de abandonar o País". Tudo depende agora das Forças Armadas.

Contudo, e isso é o principal do que pedem os manifestantes, por todo o lado em que se manifestam: é mais democracia de tipo ocidental, mais liberdade, mais respeito pelos Direitos Humanos, luta contra a corrupção e mais justiça social.

A União Europeia devia abençoar as transformações em curso e manifestar-se totalmente solidária, com as transformações em causa. Mas não o tem feito, suficientemente. Por ser governada maioritariamente por partidos ultra-conservadores que temem tudo o que cheire a progresso. Pelo contrário, na América, Barack Obama "exige uma transição pacífica para a democracia e telefonou a vários líderes do Próximo Oriente e da Europa para coordenarem esforços no sentido de promover essa transição. Além do mais - e do interesse genuíno das populações - seria o golpe mais inteligente para enfraquecer o terrorismo islâmico.

Veremos o que se vai passar nos próximos dias e como os tiranos que abundam na Região, com os olhos fechados do Ocidente, sem excluir Israel, vão interpretar politicamente o choque de dominó que a Tunísia e o Egipto lhes provocam.

Lisboa, 3 de Fevereiro de 2011